



Uma vista aérea do campo para refugiados sírios de Za'atari, na Jordânia, a partir de um helicóptero que transportava o Secretário de Estado dos EUA John Kerry e o Ministro do Exterior jordaniano Nasser Judeh, 18 Jul 13.

(Departamento de Estado dos EUA)

Respostas da Sociedade Jordânica aos Refugiados Sírios

Cap Walter C. Haynes, Exército dos EUA

A guerra civil da Síria é um dos dilemas de segurança nacional mais prementes encarados pelos Estados Unidos da América (EUA). Ela ameaça afundar ainda mais uma região já volátil e se alastrar pelas fronteiras de um aliado da OTAN (Turquia), do aliado mais íntimo no Oriente

Médio (Israel) e de três Estados árabes frágeis — Iraque, Líbano e Jordânia.

A Jordânia, em particular, talvez esteja em perigo existencial como resultado do conflito sírio. Trata-se de um aliado importante, com uma capacidade questionável de absorver os mais de 600.000 refugiados

sírios atualmente dentro das suas fronteiras. A crise regional somada à entrada de refugiados na Jordânia podem desestabilizar o país permanentemente, por meio da deterioração da sua identidade nacional.

Um entendimento das dinâmicas sociais que ocorrem na região é essencial para ajudar os formuladores de políticas a empregarem os devidos instrumentos do poder nacional para promover os interesses dos EUA no local. Já que o Departamento de Defesa está profundamente envolvido na resposta dos EUA para a crise síria, questões relacionadas com a capacidade de nações aliadas de absorverem refugiados são criticamente importantes para líderes das Forças Armadas, que precisam alinhar devidamente a estratégia militar às políticas implementadas.

Este artigo analisa como o influxo de refugiados sírios ameaça mudar a cultura e a estrutura política da Jordânia, e como a sociedade jordaniana pode responder à ameaça de uma mudança tão rápida na característica demográfica. De maneira resumida, analisa a sociedade jordaniana e o status, tanto dos refugiados sírios quanto dos palestinos que estão morando na região, expondo a atual resposta jordaniana para o influxo de refugiados, bem como planos futuros anunciados ou circulados como boatos para a integração ou segregação desses refugiados. A seguir, analisa modelos de tensão étnica, discute exemplos de mudanças relacionadas ao conflito na sociedade e como elas, talvez, se refiram à situação na Jordânia.

Este artigo adota a perspectiva de observador externo e examina o conflito étnico para fazer uma previsão sobre o comportamento futuro visando ajudar os formuladores de política dos EUA.

Resumo

Considerando as tendências históricas, o resultado mais provável da crise atual é que os jordanianos irão autoidentificar-se mais fortemente como um grupo interno, enquanto atribuem status de grupo externo aos refugiados sírios. Conseqüentemente, os jordanianos buscarão limitar a integração dos sírios na sua sociedade. Conforme o Estado jordaniano busca mitigar tensões dentro da sua sociedade para preservar a estabilidade interna, a probabilidade maior é que o Rei Abdullah (Abdullah II bin Al-Hussein) solicitará mais envolvimento e apoio dos EUA.

Antecedentes

A Jordânia é um aliado leal dos EUA com uma sociedade que vive em constante conflito. Durante a Primeira Guerra Mundial, Sharif Hussein bin Ali se rebelou contra o Império Otomano com apoio britânico. Um dos seus filhos, Abdullah, tornou-se rei da Transjordânia, um protetorado britânico criado após a Primeira Guerra Mundial. O Reino Hachemite da Jordânia, designado pelo nome da família real do país, ficou independente após a Segunda Guerra Mundial. Os Hachemites traçam a sua linhagem diretamente ao Profeta Maomé, proporcionando legitimidade religiosa ao seu domínio¹.

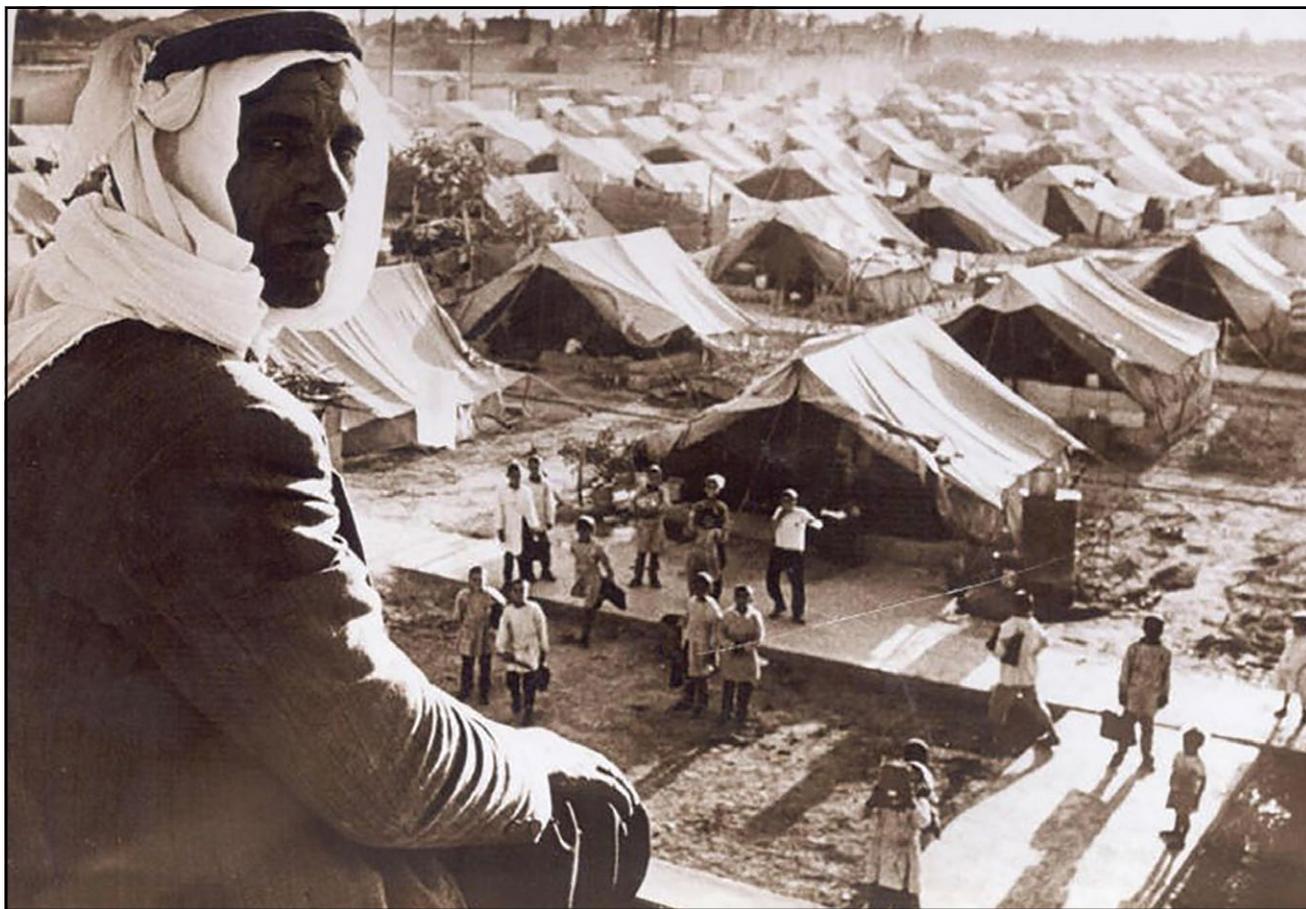
Depois da guerra dos Estados árabes contra Israel, em 1948, a Jordânia anexou a Cisjordânia [Banco Ocidental do rio Jordão], integrando-a a seu território e população, mas também preparando o terreno para uma tensão futura entre os beduínos originais da Transjordânia e os palestinos mal integrados². Os “Jordanianos do Banco Oriental”, também conhecido como os beduínos, incluem a elite da sociedade da Jordânia. Servem nas Forças Armadas e no governo, são isentos de muitos impostos e podem comprar bens com preços mais baixos do que os seus equivalentes palestinos³.

As cerca de 12 tribos beduínas principais têm, ao longo do tempo, ficado progressivamente mais vigorosas em exigir mais concessões do Rei Abdullah e do governo da Jordânia⁴. As tribos no norte apoiaram a Síria durante a invasão ocorrida em 1970, e as tribos no Sul têm se mostrado muito eficazes em trocar lealdade por compensação monetária, primeiramente dos turcos, depois dos britânicos e atualmente dos Hachemites⁵.

Como depende do apoio dessas tribos beduínas, o Rei Abdullah II é ávido para obter favor. Quando o Estado Islâmico capturou o 1º Ten Moaz al-Kasabeh, no início de 2015, o rei se apressou em apresentar condolências à tribo poderosa do piloto, a Bararsheh⁶. Após a morte de Moaz, as tribos se uniram em apoio das políticas do governo contra o Estado Islâmico.

O Status dos Refugiados Palestinos na Jordânia

Os palestinos, tanto os refugiados que fugiram da área reivindicada atualmente por Israel durante a Guerra de Independência de Israel, em 1948, e os seus descendentes, formam uma grande parte da população



O campo de refugiados de Jaramana para palestinos nos arredores de Damasco, na Síria, 1948. Aproximadamente 700.000 palestinos fugiram ou foram expulsos de áreas que foram depois incorporadas a Israel. A maioria deles se refugiou em cidades de barracas semelhantes na Jordânia.

(Foto cortesia da Wikimedia Commons)

da Jordânia. De fato, são a maioria, uma verdade tão incôfortável para o governo jordaniano que ele se recusa a admitir isso publicamente⁷.

O histórico dos palestinos na Jordânia foi manchado pelo tratamento desigual pelo conflito. Notavelmente, o primeiro rei do país, Abdullah I, foi assassinado por um palestino em 1951, e a Jordânia empregou força militar para expulsar a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), juntamente com milhares de apoiadores durante a guerra civil jordaniana, nos anos 70, conhecida como Setembro Negro⁸.

Atualmente, a situação sobre o status socioeconômico e a integração da população palestina restante da Jordânia é desigual e complicada. Há mais de 2 milhões de palestino-jordanianos registrados pela Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA) [Tirado do site: <http://unrwa.org.br>] dentro do país, muitos dos quais

ainda moram em campos de refugiados. A retirada jordaniana da Cisjordânia, em 1988, levou à revogação da cidadania de milhares de pessoas, deixando-as essencialmente sem pátria. Um palestino com apenas um passaporte jordaniano, mas sem número nacional, é inelegível para escola estatal, tratamento médico, emprego no governo e muitas outras provisões básicas necessárias para o avanço econômico⁹.

Consequentemente, o terceiro rei hachemite, Abdullah II, reina em um contexto de ameaças históricas oriundas de descontentes internos. Principalmente, após a Jordânia fazer as pazes, que permanece até hoje, com Israel, seu rival externo tradicional e amplamente desprezado pelos refugiados palestinos. Uma coisa reveladora é que os palestinos não são permitidos de ingressar no Exército e são minimamente representados nos altos escalões de governo.

A Possibilidade dos Sírios se estabelecerem nos campos de Refugiados Jordanianos

O aspecto mais desconcertante para os refugiados sírios recém-chegados talvez seja a nítida disparidade entre o status dos palestinos que moram nos acampamentos e os cidadãos jordanianos normais, mesmo depois de residir no país por décadas¹⁰. O relatório mais recente (2013) da UNRWA sobre os refugiados palestinos na Jordânia declara, “Os habitantes dos campos possuem um rendimento muito inferior, famílias muito maiores, um baixo nível de desempenho educacional, percebida saúde mais deficiente e um maior dependência da UNRWA e de outros serviços de auxílio”¹¹.

Atualmente, a Jordânia abriga refugiados sírios em vários grandes campos e dentro de muitos centros populacionais. Za’atari é, atualmente, a quarta maior cidade na Jordânia e o maior campo de refugiados. Em um país com uma população de aproximadamente 6,5 milhões de pessoas, os sírios constituem quase um décimo do número de habitantes. Cerca de 440.000 desses sírios moram fora dos campos de refugiados¹².

Fora dos campos, os sírios competem com jordanianos por trabalho e alojamento, apesar de ser ilegal ter emprego. Isso leva à percepção entre os jordanianos de que os refugiados sírios são responsáveis pela dificuldade em conseguir emprego para pessoas de baixa qualificação, e também pelo aumento radical no preço de moradia. O governo jordaniano estima que cada refugiado custa o Estado US\$ 3.000 por ano (ou quase US\$ 2 bilhões), comparado ao produto interno bruto anual de US\$ 33 bilhões. Uma consequência é que os refugiados sírios são, por definição, excluídos de representação política na legislatura unicameral da Jordânia.

As Respostas Populares aos Refugiados Sírios entre os Jordanianos

Embora, no início, os jordanianos estivessem acolhedores aos sírios, essa situação se modificou. Como resultado, o governo limite o influxo de refugiados e dedica muitos recursos ao policiamento da fronteira¹³. Os sírios colocam um fardo adicional no sistema de saúde também, tanto que o ministro de saúde jordaniano

advertiu que, “O sistema está perigosamente sobrecarregado”¹⁴. Mais inquietante é que muitos dos refugiados urbanos não estão cientes dos serviços disponíveis a eles, resultando, por exemplo, em baixas taxas de vacinação¹⁵. Recentemente, o governo da Jordânia anunciou o Plano de Resposta Jordaniano, de US\$ 3 bilhões, para satisfazer as necessidades tanto dos refugiados quanto das comunidades patrocinadoras, porém a falta histórica de fundos para os programas de assistência à Síria não constitui motivo para otimismo¹⁶.

Em resposta ao estresse provocado pelo influxo de refugiados, a Jordânia está considerando o estabelecimento de uma “zona de segurança” no sul da Síria. Essa zona “tampão” permitiria que a Jordânia pudesse parar o influxo de refugiados e também prover às forças rebeldes uma área protegida onde poderiam treinar e se preparar para ataques contra o regime de Assad. No entanto, como Ala’ Alrababa’h explicou, em um artigo de julho de 2015, essa ação acarreta riscos. Primeiro, pode incentivar o governo sírio a atacar a Jordânia. Segundo, qualquer zona “tampão” pode ser utilizada por grupos extremistas para fomentar inquietação dentro da Jordânia¹⁷.

Assim, a Jordânia arrisca exacerbar a situação com uma medida tão drástica, e a vontade de considerar essa opção mostra quão preocupados estão os líderes do país.

Análise

A Jordânia é um Estado eticamente heterógeno, com a consequência de que um sentido de identidade e unidade nacionais não é muito forte na maior parte da população. Uma coisa reveladora é que a Jordânia não arrisca usar a instituição estatal tradicional que muitos países usam para desenvolver um sentido de identidade nacional — as Forças Armadas — porque teme prover treinamento e armas a grupos com lealdades suspeitas. Consequentemente, os palestinos são excluídos do serviço armado, que na realidade perpetua a percepção de preconceito, magnifica as diferenças étnicas e fomenta ressentimento amargo.

Portanto, o ponto de atrito entre os palestinos e os beduínos na Jordânia talvez seja visto, principalmente, como étnico por natureza. Frederik Barth definiu um grupo étnico como uma população

Que em grande medida se autopertua biologicamente; compartilha valores culturais



Uma vista aérea do campo de refugiados sírios de Za'atari, na Jordânia, 21 Nov 12.

(Cortesia da Unidade de Fotografia do Alto Comissariado para Refugiados nas Nações Unidas)

fundamentais, baseados em uma unidade visível em formas culturais; cria um campo de comunicação e interação; e possui uma afiliação que se identifica, e é identificado por outros, como constituindo uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem¹⁸.

Com essa descrição em mente, a delimitação étnica é especialmente importante porque a identidade étnica determina os benefícios derivados e a afiliação dentro dos instrumentos do poder do Estado. Embora compartilhem a religião, o idioma e a linhagem de árabe sunita, os palestinos e beduínos na Jordânia, ainda assim, se diferenciam entre si em muitas formas inflexíveis.

A identidade tribal é um desses grande discriminadores étnicos dentro da sociedade jordaniana, especialmente entre as poderosas tribos beduínas. A consciência étnica é geralmente derivada de uma de duas formas. A étnica *performativa* define a identidade pelas crenças, características culturais e ações compartilhadas. Consequentemente, a capacidade de adotar sistemas de crença e características culturais (como aceitar uma religião, ou aprender o idioma ou dialeto de um grupo étnico) capacita os forasteiros a assimilar-se com mais facilidade em uma nova identidade étnica. Em contraste com o mais flexível conceito performativo da consciência étnica, os jordanianos geralmente aderem ao mais fixo *primordialista*. O primordialismo afirma afinidade e lealdade obrigatória a um grupo

de identidade com base em origem e linhagem comuns presumidas — parentesco pelos laços de sangue. Portanto, a profundamente arraigada perspectiva tribal primordialista da Jordânia, que deriva de uma identidade étnica baseada na premissa de linhagem comum, faz com que seja difícil para forasteiros juntarem-se ao grupo interno. Esse conceito primordialista serve como um tipo de mecanismo defensivo para os beduínos que o usam para afirmar seu status mais elevado como o grupo interno, às custas, primeiro, dos palestinos, e agora dos sírios.

O Conflito como um Agente de Mudança

O conflito acelera a mudança, e a cultura não é uma exceção a essa regra. Sharon Hutchinson, por exemplo, esboçou como o conflito no Sudão militarizou a consciência étnica Nuer, observando que, “comunidades... têm estado lutando com uma crescente subcultura regional de violência baseada na etnia”¹⁹. Da mesma forma, as circunstâncias emergentes na Síria, no Iraque e no Líbano mostram que os Estados árabes estão, também, cada mais vulneráveis a esse aspecto.

Nesse sentido, há vários resultados possíveis para conflitos entre tribos e Estado. As tribos beduínas da Jordânia não cederão voluntariamente sua posição privilegiada aos sírios, especialmente considerando a sua resistência documentada à inclusão dos palestinos. Contudo, o conflito em desenvolvimento na região



pode limitar as suas opções e compeli-los a aceitar mudanças socioculturais. As opções incluem assimilação e cooperação, fuga e resistência (ou uma combinação dessas).

Historicamente, as tribos beduínas da Jordânia têm tendido a cooperar com o Estado e usar a ameaça de resistência para extrair concessões que reforçam o seu poder na sociedade. Por outro lado, os palestinos na Jordânia, embora não organizados estreitamente ao longo de linhas tribais, também têm utilizado todas as três estratégias por toda a história recente.

Ao contrário, os refugiados sírios são ativamente impedidos de integrar-se e não possuem um verdadeiro desejo de correr de volta à Síria assolada pela guerra. Isso significa que há uma crescente chance de ocorrer a terceira opção de resposta às mudanças impostas pelo conflito, a resistência.

Uma Análise da Resistência Étnica

Um modelo útil do conflito étnico é fornecido por Joan Estaban e Debraj Ray, onde eles examinam as políticas governamentais discriminatórias e a sua reação a várias formas de ativismo étnico, incluindo a violência. A reação percebida pelo Estado “induz indivíduos a se mobilizarem, às vezes violentamente, para apoiar a sua causa”²⁰.

O seu modelo é aplicável para a Jordânia porque leva em conta a desigualdade de grupos — uma vitória contra um grupo étnico antagônico traga a possibilidade de uma expropriação total ou parcial dos recursos do oponente. O modelo sugere que

grandes diferenças em renda levam diretamente a uma grande probabilidade de conflito étnico. No entanto, o grupo com a maior renda, também, possui uma capacidade proporcionalmente maior para financiar militantes.

Na Jordânia, os beduínos têm a vantagem adicional de controlar as forças de segurança, fazendo com que qualquer resistência armada seja um empreendimento perigoso para os grupos externos. Portanto, dentro deste modelo, o maior risco à Jordânia vem das Forças Armadas, cujos integrantes, apesar da homogeneidade com as estruturas estatais, podem agir para preservar as prerrogativas das tribos de acesso aos recursos, em detrimento do Estado.

A conclusão principal de Esteban e Ray é que a distribuição de radicalismo e de renda dentro do grupo é mais importante do que o nível simples de qualquer variável. Assim, eles repetem dois destacados especialistas no estudo do conflito étnico, Donald Horowitz e Robert Bates, concluindo que a desigualdade dentro do grupo interno é um fator importante no início de conflito étnico²¹.

Como tal, um entendimento a mais sobre as disparidades entre as tribos beduínas seria um importante próximo passo para avaliar o risco ao governo e à sociedade em geral da Jordânia. Além disso, a reação demonstrada pelo Estado à agitação causada pelas poderosas tribos beduínas pode inspirar atividade semelhante oriunda dos grupos externos, cujos métodos talvez sejam mais vigorosos visando atrair a atenção necessária para as suas queixas.

Envolvimento Potencial da Irmandade Muçulmana

A Irmandade Muçulmana é outra força poderosa na Jordânia com o potencial de moldar qualquer resposta futura à crise de refugiados sírios. Embora a sua liderança seja composta principalmente por beduínos, a Irmandade mantém muitas características da organização estabelecida por Hassan al-Banna no Egito. Como tal, ela satisfaz as exigências esboçadas por Beeman na sua análise sobre o fundamentalismo: revivescência, ortodoxia, evangelismo e ação social²².

Ao contrário da Síria, onde Hafez al-Assad destruiu a Irmandade Muçulmana durante o seu cerco de Hama, em 1982, os líderes da Jordânia têm tolerado o grupo²³. Embora alguns comentaristas vejam isso como uma ação cínica para manter uma “oposição na espreita”, pela qual podiam inquietar os Estados Unidos e garantir apoio às políticas repressivas, também representa um perigo existencial para o governo e para a sociedade jordaniana, caso os beduínos decidirem apoiá-la, em vez da monarquia. William Beeman foi perspicaz sobre o risco:

Considerando que tais movimentos frequentemente se dirigem à sociedade como “Outra” e opressora, eles podem produzir participantes que desafiam a autoridade civil e são difíceis de prever ou controlar. Frequentemente, atuam no limite da lei, criando tensão automática na sociedade na qual existem²⁴.

Alternativamente, a Irmandade Muçulmana pode decidir patrocinar a causa dos refugiados sírios, aumentando o seu próprio poder vis-à-vis o Estado e atrair os sírios diretamente às políticas internas jordanianas.

Conclusão

Até mesmo se a guerra civil síria acabasse amanhã, o sistema inteiro do Estado da Síria ainda estaria quebrado. A antiga cultura tolerante e cosmopolitana foi abalada, e o retorno ao status quo antes da guerra é impossível. Não há um resultado realista em que a maioria dos refugiados pudessem voltar imediatamente à Síria, nem menos uma repatriação forçada que atrairia condenação internacional.

Tendo isso em mente, os efeitos inevitáveis na sociedade jordaniana são de interesse principal dos Estados Unidos. Como um aliado ativamente envolvido em operações de combate tanto no Iraque quanto na Síria, uma Jordânia estável é estrategicamente significativa.

Apesar da dificuldade inerente na previsão de mudanças culturais durante um conflito, a evidência e a literatura fazem um argumento convincente de que a sociedade jordaniana passará por cada vez mais pressão do influxo de refugiados, e isso pode ser perigoso. Assim, a evidência apoia a hipótese de que é provável que os jordanianos limitem a integração síria na sociedade, com medo de instabilidade e de perdas econômicas.

A tensão, decorrente de uma presença continuada de refugiados sírios na Jordânia, ameaçará a estabilidade política conforme vários grupos subculturais manobram para se proteger ou avançar, forçando o regime do país a buscar formas de aliviar a pressão para manter-se. Considerando que atualmente não existem opções evidentes que não acarretem muito sofrimento humano ou uma diminuição da instabilidade, qualquer ação por parte da Jordânia impactará diretamente os esforços militares e diplomáticos dos EUA. Realmente, é um assunto para se decidir cuidadosamente, na tentativa de descobrir qual é a melhor entre as opções ruins.

Uma preocupação constante na Jordânia é que os palestinos podem ver o estresse provocado pelos refugiados sírios como uma oportunidade para tomar o que eles enxergam como o seu lugar legítimo no topo da sociedade do país. Até se for malograda, tal tentativa teria efeitos propagativos de longa alcance por toda a região, distraindo mais as autoridades norte-americanas e israelenses. Se a Jordânia fosse estar preocupada com um conflito interno, a Arábia Saudita iria tornar-se até mais importante como um aliado árabe aos Estados Unidos na coalizão contra o Estado Islâmico. Esse resultado, especialmente considerando a pressão atual nas relações entre os EUA e a Arábia Saudita, apresentaria até mais desafios para a ação militar na Síria e limitaria ainda mais as opções dos norte-americanos.

Consequentemente, a preocupação principal da Jordânia é limitar o surgimento de conflito étnico que pode rapidamente ficar incontrolável. Como o modelo de Esteban e Ray mostra, a desigualdade e o radicalismo proporcionam explicações poderosas para o conflito étnico²⁵. Isso é particularmente preocupante para a Jordânia porque possui um grupo interno de minoria com um alto nível de desigualdade em comparação com os grupos externos. Além disso, a Irmandade Muçulmana se representa como uma organização



Uma menina síria refugiada aponta para o assentamento de barracas onde ela mora com a sua família em Jawa, nos arredores de Amman, onde apenas uma hora de chuva inundou grandes seções do campo, 18 Nov 13.

(Mustafa Bader, via Wikimedia Commons)

existente com o potencial de radicalizar os refugiados descontentes e desesperados. Além do mais, no outro lado da fronteira no norte da Síria, muitas das milícias que estão combatendo o regime Assad já são extremamente radicais, por natureza.

Sobram muitas perguntas. A mais importante delas: qual é o risco de radicalização de ambos, os refugiados sírios e os jordanianos? Nesse sentido, a divisão da Irmandade Muçulmana na Jordânia possui a capacidade para desencadear um movimento fundamentalista que coloque estresse insuportável no equilíbrio delicado do Rei Abdullah?²⁶ Além disso, quais são as possibilidades de que os palestinos da Jordânia, discriminados por muito tempo pelos beduínos, terão algo em comum com seus equivalentes sírios? Afinal, a Jordânia ainda acredita que os refugiados palestinos têm o seu

devido lugar na Cisjordânia e em Israel, mesmo após meio século de residência no país²⁷.

O único fator atenuante de importância com respeito à organização dos refugiados para opor-se ao governo jordaniano parece ser o custo de mobilização, com o qual os grupos externos ainda não têm demonstrado a capacidade de arcar.

Ao criar uma estratégia para apoiar o Estado jordaniano, os Estados Unidos devem, primeiramente, concentrar-se nos beduínos do país para determinar como as tribos percebem o seu próprio status na sociedade, e como podem apoiar a estabilidade em face de uma crise de refugiados continuada. É a partir deles, possivelmente, que o maior risco pode ser encenado, ou o maior ímpeto para preservar a integridade nacional como um Estado estável pode ser cultivado. ■

O Cap Walter Haynes, do Exército dos EUA, exerce atualmente a função de Oficial de Assuntos Cívicos do 2º Batalhão (Ranger), 75º Regimento de Infantaria. É bacharel em Relações Internacionais pela Academia Militar dos EUA, sendo habilitado na língua chinesa. Serviu na 82ª Divisão Aeroterrestre como comandante de pelotão de Infantaria no Iraque, entre 2009 e 2010, e como Ajudante de Ordens nas Forças dos Estados Unidos no Iraque, em 2011.

Referências

1. Introduction, "The Hashemites," Website do Gabinete do Rei Hussein I, acesso em: 18 nov. 2015, http://www.kinghussein.gov.jo/hash_intro.html.
2. Naseer H. Aruri, *Jordan: A Study in Political Development (1921–1965)* (The Hague, Netherlands: Springer Netherlands, 1972): cap. 3.
3. Shoshana Bryen, "Why Jordanians Worry about the Two-State Solution," website da Forbes, 7 Feb. 2014, acesso em: 18 nov. 2015, <http://www.forbes.com/sites/realspin/2014/02/07/why-jordanians-worry-about-the-two-state-solution/>; "A Kingdom of Two Halves," *The Economist*, 8 Mar. 2014, acesso em: 18 nov. 2015, <http://www.economist.com/news/middle-east-and-africa/21598719-jordanians-chafe-emerging-american-plan-israel-palestine-kingdom>.
4. Megan O'Toole, "Discontent Simmers among East Bank Jordanians," website da Al Jazeera, 3 Jun. 2014, acesso em: 18 nov. 2015, <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2014/06/discontent-simmers-among-east-bank-jordanians-20146381828614925.html>.
5. Mudar Zahran, "Jordan is Palestine," *Middle East Quarterly* 19(1) (Winter 2012): p. 3–12, acesso em: 10 nov. 2015, <http://www.meforum.org/3121/jordan-is-palestinian>.
6. Rod Nordland e Ranya Kadri, "Tribal Loyalties Drive Jordan's Effort to Free Pilot," *New York Times*, 31 Jan. 2015, acesso em: 10 nov. 2015, http://www.nytimes.com/2015/02/01/world/middleeast/tribes-at-center-of-effort-to-free-jordanian-pilot.html?_r=0.
7. Zahran, "Jordan is Palestine."
8. Kai Bird, *The Good Spy: The Life and Death of Robert Ames* (New York: Broadway Books, 2014): p. 242.
9. Shaul M. Gabbay, "The Status of Palestinians in Jordan and the Anomaly of Holding a Jordanian Passport," *Journal of Political Sciences and Public Affairs* 2 (2014): p. 113, doi:10.4172/2332-0761.1000113.
10. Åge A. Tiltnes e Huafeng Zhang, *Progress, Challenges, Diversity: Insights into the Socio-Economic Conditions of Palestinian Refugees in Jordan* (Norway: Allkopi AS, 2013), acesso em: 10 nov. 2015, http://www.unrwa.org/sites/default/files/insights_into_the_socio-economic_conditions_of_palestinian_refugees_in_jordan.pdf.
11. Ibid.
12. Sylvia Rowley, "Syria's War Victims Find Healing in Jordan," Al Jazeera, 21 Jul. 2015, acesso em: 10 nov. 2015, <http://www.aljazeera.com/news/2015/07/syria-war-victims-find-healing-jordan-150721085852300.html>.
13. Taylor Luck, "In Jordan, Tensions Rise between Syrian Refugees and Host Country," *Washington Post*, 21 Apr. 2013, acesso em: 10 nov. 2015, https://www.washingtonpost.com/world/middle-east/in-jordan-tensions-rise-between-syrian-refugees-and-host-community/2013/04/21/d4f5fa24-a762-11e2-a8e2-5b98cb59187f_story.html.
14. Mujalli Mhailan Murshidi et al., "Syrian Refugees and Jordan's Health Sector," *The Lancet* 382(9888) (3 Jul. 2013): p. 206–07.
15. Ziad El-Khatib et al., "Syrian Refugees, between Rocky Crisis in Syria and Hard Inaccessibility to Healthcare Services in Lebanon and Jordan," *Conflict and Health* 7(1) (2013): p. 18.
16. Satchit Balsari et al., "Syrian Refugee Crisis: When Aid Is Not enough," *The Lancet*, 385(9972) (14 March 2015): p. 942–43.
17. Ala' Alrababa'h, "Jordan's Danger Zone: The Perils of Building a Safe Haven in Syria," *Foreign Affairs*, 24 Jul. 2015, acesso em: 210 nov. 2015, <https://www.foreignaffairs.com/articles/jordan/2015-07-24/jordans-danger-zone>.
18. Frederik Barth, "Ethnic Groups and Boundaries," *Ethnicity*, eds. John Hutchinson and Anthony Smith (Oxford, UK: Oxford University Press, 1996): p. 76–82.
19. Sharon Hutchinson, "Nuer Ethnicity Militarized," *Anthropology Today* 16(3) (June 2002): p. 6–13.
20. Joan Esteban e Debraj Ray, "A Model of Ethnic Conflict," *Journal of the European Economic Association* 9(3) (June 2011): p. 496–521.
21. Donald L. Horowitz, *Ethnic Groups in Conflict* (Berkeley, California: University of California Press, 1985): p. 3–8; Robert H. Bates, *When Things Fell Apart, State Failure in Late-Century Africa* (New York: Cambridge University Press, 2008): p. 51.
22. William Beeman, "Fighting the Good Fight: Fundamentalism and Religious Revival," *Exotic No More: Anthropology on the Front Lines*, ed. Jeremy MacClancy (Chicago: The University of Chicago Press, July 2012), p. 129–44.
23. Melissa Block, "A Look Back At Syria's 1982 Crackdown," transcrita de uma entrevista da NPR com John Yemma, 11 May 2011, acesso em: 13 November 2015, <http://www.npr.org/2011/05/11/136214343/a-look-back-at-syrias-1982-crackdown>.
24. Ibid.
25. Esteban e Ray, "Model of Ethnic Conflict," p. 497.
26. Beeman, "Fighting the Good Fight," p. 133.
27. Zahran, "Jordan is Palestine."